



Tiragem 6:000 exemplares

*Semanario illustrado
de Sciencias Lettras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
LISBOA

Officinas d'impressão e composição
A LIBERAL
R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira, 10 d'Agosto de 1908

OS NOSSOS

4.ª SERIE
Brindes semanaes
Aos assignantes e annunciantes
2.500\$000 
ou
 **1.200\$000**
por um vintem!

Condições do Sorteio

1.ª — Ver se n'estes numeros

a

está contido o numero da **SORTE GRANDE** da **LOTERIA PORTUGUEZA** de 14 d'AGOSTO; se estiver, o possuidor d'este jornal tem direito ao **DECIMO 1389** para a **LOTERIA PORTUGUEZA** de 21 de AGOSTO de 1908.

2.ª — O possuidor do jornal premiado deve escrever-lhe o seu **NOME** e **MOPADA** e entregar-o n'esta redacção ou enviar-o em **CARTA REGISTRADA**, afim de não haver extravio, até á **VESPERA DA LOTERIA** a que pertence o decimo sorteado.

3.ª — Quando os decimos não forem requisitados no **PRASO D'UM MEZ, A CONTAR DA DATA DA LOTERIA**, ficam sendo propriedade do "**AZULEJOS**".

4.ª — A este sorteio tem direito apenas os **ASSIGNANTES D'ESTA REDACÇÃO**, portanto, excluidas todas as pessoas que comprarem ou assignarem o jornal aos **Agentes e Depositarios**.

Errata — O decimo para a loteria de 14 d'Agosto é o 3543, e não o 3563, como por engano foi



Eduardo Noronha

Aluga-se

JAZIGOS DE CAPELLA
A 200\$000 reis
 8 Logares
 Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

ALBERTO FERREIRA
 MEDICO-CIRURGIÃO
 Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.
 Consultas das 10 às 11

ANACLETO DE OLIVEIRA ♦♦♦♦
 ♦♦ MEDICO-CIRURGIÃO ♦♦
 Rua S. Vicente à Guia, 22, 1.º

JANUARIO & MOURÃO
 Ourivesaria e relojoaria
 Grande quantidade de artigos em estojos próprios para brindes, desde 1\$000 réis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso.
 Importação directa das fabricas.
PREÇO FIXO
 Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92-A

Louças-vidros-talheres

Quasi de graça

SÓ NA CASA DAS LOUÇAS

33, Rua da Palma, 35

PEDRO CARLOS DIAS DE SOUSA

JULIO GOMES FERREIRA & C.ª



Fornecedores da Casa Real

82 — RUA DA VICTORIA — 88

Exposição permanente

166 — RUA DO OURO — 170

Instalações completas para agua gaz e electricidade
 Grande sortido de lustres em todos os generos

EXPOSIÇÃO DE LOUÇA DAS CALDAS
 Arte decorativa
 Artigos para brindes
GATOPRETO
 R. de S. Nicolau
 (Esquina da R. do Crucifixo)



As cartas dos consolentes devem vir acompanhadas da respectiva SENHA DE CONSULTA, e satisfazer aos seguintes requisitos:

— «Nome de batismo; iniciaes dos sobrenomes e apelidos.»

— «Anno, mês, dia e hora, se possível fôr, do nascimento.»

— «Côr da péle, dos olhos, dos cabelos.»

— «Altura aproximada, estado de magrêza ou de gordura, comprimento exacto dos dedos da mão esquêrda, tomado do lado da palma da mão; se os labios são finos, delgados ou grossos, carnudos, espessos; sinaes da péle, congénitos ou adquiridos, cicatrizes. Dimensões aproximadas da testa, feitio do nariz. (Um retrato tirado de frente e outro de perfil, seriam excellentes dados.)»

— «Doenças anteriores á consulta. Saude dos paes. Se tem muita ou pouca força muscular e qual o estado de sensibilidade da péle.»

— «Falando ainda dos cabelos será bom dizer se são macios ou asperos. As veias que se divisam atravez dos tegumentos são cheias e azuladas?»

— «E' alegre, agitado, vivaz, inconstante, facilmente irritavel?»

— «Adora o prazer em todas as suas manifestações? Quaes as distrações que prefere?»

— «Tem tendencia para a violencias para o despotismo?»

— «E' cabeludo ou glabro?»

— «Quaes os caracteres da marcha? Costuma andar deprêssa, devagar, a passo largo, a passo curto, com gravidade, baloicando o côrpo?»

— «Qual é a posição habitual da mão quando caminha? Fechada, semi-aberta, aberta? Tem por habito levar repetidamente a mão á frente, aos olhos, á boca, ao nariz, ás orelhas?»

— «Caminha de mãos nas costas, nas algibeiras? Esfréga-as muito? Costuma-lhes fazer estalar os ossos? Leva repetidas vêzes a mão ao peito?»

— «Dorme com as mãos fechadas, semi-cerradas, abertas? E' tremulo?»

— «Ha frisante contraste entre a côr dos cabelos da cabeça, da barba e das sobrancelhas?»

— «Gosta de flôres, de fructos? Quaes os preferidos?»

Alem destes esclarecimentos, poderão os srs. consolentes enviar-me quaesquer outros que julguem convenientes. A todos garanto o mais absoluto segredo, a mais completa discrição.

AS CARTAS DEVEM SER DIRIGIDAS A ESTA REDACÇÃO



O ZOLLEIO

Semanario illustrado de Sciencias, Letras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
 Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
 Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
 Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
 Litterarios: J. PACIFICO, EMECÉ e LAMPARINA
 Artísticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
 Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
 C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
 LISBOA

Officina d'imprensa e composição
 A Liberal—R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
 10 DE AGOSTO DE 1908

CONDICÕES DE ASSIGNATURA
 (Pagamento adelantado)
 SERIE DE 15 NUMEROS
 Lisboa e provincia..... 300 rs
 Colonias..... 400 •
 A cobrança pelo correio é augmentada de 50 réis.

Numero AVULSO 20 RÉIS

Tiragem: 4000 exemplares.



CHÁ

E TORRADAS



Como eu quedasse pensativo e triste, encostado a uma coluna da arca da oeste do D. Maria, olhando o tapume que ora encobre as portas do Martinho, levantou-se, na parte superior do taboado, uma grande nuvem de pó, ao mesmo tempo que se faziam ouvir as pancadas sêcas e indiferentes do camartélo.

Aquele som repercutiu-se em todo o meu ser dum modo pavoroso, parecendo-me que nesse momento um carrasco medieval dêcepava altivas cabeças de fidalgas de raça n'algum cêpo infamante. Secou-se-me a garganta e uma constrição espasmodica da laringe afagou um grito rouco que estava prestes a chamar a atenção dum empregado municipal que, julgando regar as ruas, encharcava literalmente um transeunte gordo e oleoso que atravessava, sob aquelle meio dia mordicante, o largo do Camões.

Porque me comovi? Porquê? Quiz sabel-o de mim proprio e interroguei-me. Saudades talvez d'aquella curva

graciosissima que emergia sob a forma de nariz do rosto do Valentim, curva que os mais abalisados professores da Politécnica descreveram mas não classificaram! Não era o apêndice nasal do manhoso galego que

Mascaras illustres



Professor Sousa Martins

me fazia coegas nos escaninhos sentimentaes da comoção.

Não, não era isso.

Lembrei-me do café! Quem uma vez o bebeu por chavena refléida nos sessenta espelhos macrobios d'aquella sala sebenta, como o chapéu dum poeta de 1820, não mais se esquece, se o paladar não fôr da qualidade da politica portugueza, do travo especial que o distinguia de todos os cafés da capital e que dissimulando um tudo nada a beneficio do asucar de alvura duvidosa, servindo em microscopico receptaculo em fórma

de lira, tinha, dizem, a propriedade de inspirar as milhentas gerações de poetas e prosadores que durante muitos lustros, lustraram os fundos das calças no engordurado pitch-pine envernizado dos bancos daquella officina de rimas chôchas, ilustrando ao mesmo tempo as letras patrias.

Não! Não fôra a negra infusão (que desenvolvia bossas poeticas, mercê do rabo de bacalhau com que a temperavam) que têm o poder de abrandar a dureza da minha indiferença senil. Não!

O que me comoveu foi a lembrança e a saudade d'alguma coisa que tantos annos me acompanhou, que me abriu de par em par as portas da vida e me desamparou no momento em que dêla mais necessitava.

Foi-se, fugiu-me, a minha deliciosa amiga, que punha tons côr de rosa em todas as manchas negras do trilho da desventura, que forrava de veludo os agudos penhoscos do calvario da existencia, que transformava em macio lombo a sóla dos bifés do Martinho. Foi-se!

Foste-te para não mais voltar da minha Mocidade, oh minha doce companheira de tantos mas tão poucos annos!

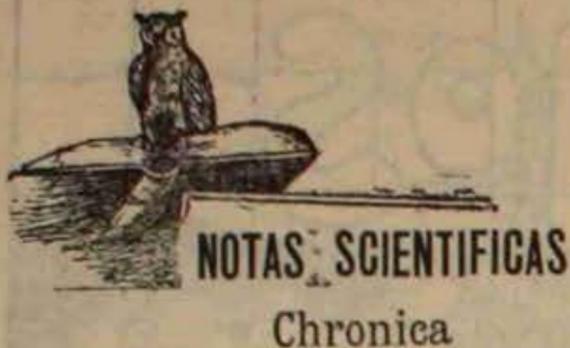
Senti que este esguicho de filosofia piégas era improprio dum blasé da minha tempera. Aproximei-me do antigo café, repremindo o sentimentalismo, Entrei a furto e olhei os restos do sobrado. Havia nêla quatro pingos de cêra.

Pingos de cêra!?

E uma voz meliflua e branda segredou-me ao ouvido:

—São as ultimas lagrimas vertidas neste logar pelo Julio Dantas.

JOÃO KEVÊ.



Como morremos — As fazes successivas da agonia

Os celebres investigadores N. Veschide e Vurpas acabam de dar conta do resultado das investigações que durante muito tempo fizeram em grande numero de agonisantes, para estudar a maneira como se apresenta e como se realisa a morte.

Resulta de taes investigações, que é possível distinguir tres grandes fazes na dissolução final do organismo. Consiste a primeira e manifesta-se nas modificações vaso-motôras, respiratorias e circulatorias, que se assemelham sensivelmente á perturbação que se observa nos animaes que teem destruida a massa cerebral.

Estas perturbações vaso-motôras terminam com frequencia numa paralyisa vaso-motora que ás vezes precede com bastante antecipação as alterações consecutivas que caracterizam a agonia e a morte.

Manifestam-se na segunda fase, uma actividade bulbar typica e perturbações na coordenação, que recordam certas affecções da medula.

Por ultimo, a terceira fase acha-se caracterizada pela aparição de estertores respirativos e por uma diminuição geral da vitalidade.

Então a continuação da vida no organismo parece ser devida, em grande parte, á vida intrinseca do coração e á sua força impulsiva.

Pode dizer-se, que, na realidade, cessou a vida, e que se o coração continua, movendo-se, tal movimento se opera mechanicamente e graças á sua accção sobre o frenico é que a respiração se realisa, embora sob uma forma puramente superficial ou por inspirações profundas e pouco numerosas.

Em resumo: Veschide e Vurpas affirmam que se morre por periodos. Primeiramente, apresenta-se o esgotamento das faculdades mentaes e desaparecem os fenomenos psico-fisiologicos que constituem a personalidade.

A parte mais misericordiosa da morte é aquella que, na maioria dos casos, não consente ao enfermo assistir com plena consciencia á sua propria agonia fisica.

Acompanham quasi ou seguem estes fenomenos, a agonia do bolbo que é tanto mais lenta e variada, quanto mais os enfermos experimentam a influencia de enfermidades infecciosas, ou quanto mais emocionados se encontram por timidez natural ou pelo receio da morte, emoção

que tem uma fisionomia especial sob o ponto da vista psico-fisiologico.

A terceira e ultima face é a da morte do coração, morte, porém, que é sempre lenta, agonisante.

O coração defende-se por si proprio no meio do organismo empobrecido por todos os motivos e cheio de perdas; representa a fonte suprema da vida e nesta crença, indica-nos o caminho que poderia seguir-se para chegar ao conhecimento de todo um mundo de fenomenos fisiologicos, desconhecidos e pouco estudados mesmo nos animaes em que tão facil é a experiencia e nos quaes pode renovar-se a capricho o caso estudado, repetindo a observação tantas vezes quantas fôr necessario.

O somno

Ha muita gente, principalmente, quem exerce mistéres manuaes, que julga andar prudentemente, diminuindo o tempo usual do somno e tirar disso grande vantagem.

E' certo que duas horas roubadas ao somno todos os dias, no fim de quarenta annos, representam mais 3 annos e quatro mezes de vida; ellas são, porém, a causa de grandes prejuizos para o organismo.

As horas roubadas ao somno não alongam a vida; bem ao contrario, abreviam-na, preparando enfermidades para a velhice, que sobrevêm antecipadamente, ao passo que um somno sufficiente, regular, é altamente reparador e contribue poderosamente para assegurar uma existencia saudavel e duradora.

A insomnia é um mal desconhecido dos que vivem em conformidade com as leis da natureza; é padecimento que só resulta de doença, de sobreexcitação nervosa, ou do habito das vigílias. Para evital-o ou combate-lo, basta equilibrar o trabalho do corpo, ou do espirito, não sobrecarregar o estomago, assegurar para a noite a tranquillidade do cerebro e ter a consciencia limpa.

Os que cumprem os seus deveres, os que trabalham, os que estão em paz com o tribunal da sua consciencia, adormecem tranquilos e tranquilos acordam para a labuta de cada dia.

A tranquillidade da consciencia é um dos elementos indispensaveis para a normalidade do somno.

FIM

ESPIRITISMO

Sessões com o Medium Miller

(Conclusão)

«Diversas pessoas collocadas mais proximo do gabinete, disseram que junto a minha mãe, vinha uma pequena forma.

«Após alguns instantes de reflexão, eu disse que nada me occorria para responder a este facto, senão, tratar-se d'um menino dado á luz aos seis mezes e que não viveu. Do feito, alguns assistentes viram como eu uma creancinha núa, que correu para o meio da sala, e se dissolveu antes de chegar á primeira fila de assistentes.

«Perguntei então se alguns dos meus parentes e amigos se achavam presentes, e a cada nome que pronunciei tres pancadas foram dadas no gabinete.

«Ouviu-se então ahí o nome de Antonio, e Beizy me disse que era um parente que havia sido soldado e fora morto d'um tiro.

Lembrei-me que na minha infancia me fallavam d'um segundo tio com este nome, morto em Marengo; tres pancadas confirmaram que era elle.

Betzy accrescentou: está aqui tambem um de vossos amigos, que tem um relógio na mão e diz, que sabeis o que isso quer dizer. Respondi, que era sem duvida um amigo, morto ha pouco ainda, a quem uma amizade sem mácula me ligára por mais de cinquenta annos, e cujo relógio eu trazia no bolso do meu collete. Tres pancadas confirmaram as minhas palavras.

Betzy disse, enfim, que via o algarismo 7 e que me dizia respeito, mas não pude ainda atinar com o que este numero significaria.

Depois d'isto, por pedido do medium, fez-se a inspecção do gabinete, que nada mostrou occulto; Miller entra nelle; faz-se a cadeia e canta-se.

Decorrido pouco tempo, como succedêra, já na ultima sessão, uma pelota esbranquiçada fluctua bastante alto, depois desce em zig-zag ao longo da abertura das cortinas.

Chegada ao soalho, esta massa avoluma, augmenta em altura, e uma aparição não muito grande, desenhando o todo d'um ser humano envolto em véus, avança ligeiramente e pronuncia em voz alta o nome de Eduardo Marchand. Diz que é o pae de Angela Marchand, que é a primeira vez que se materialisa na Europa e pede que o participem ao professor Reichel.

Depois a estatua diminue, sempre a fallar, e em breve a forma parece desaparecer no pavimento, mas mesmo junto ás cortinas, não podendo dizer-se que não entrou ahí.

Então a voz de Betzy pede do gabinete, que se colloque uma cadeira em frente da abertura das cortinas; tomo a cadeira antes de occupada por Miller e colloco-a no sitio indicado, com as costas voltadas para a sala.

Immediatameute, como uma pelota branca, algodoada, cae do alto das cortinas sobre o assento da cadeira, e depois de movimentos ondulosos em altura e largura, destaca-se uma forma em pé, chegando as vestes até ao chão. Annuncia-se como sendo filha de Wesleyen e diz chamar-se Genina Clarke.

Depois desce da cadeira, toma-a pelas costas e colloca-a a alguns passos á frente do gabinete, no qual entra.

Quando a forma desceu da cadeira perto de mim, senti, n'um momento, o contacto da roupagem, que me produziu a sensação de tulle fortemente gomado e aspero.

De novo se produziu o phenomeno das formas luminosas, que me é impossivel localisar, isto é, saber se estas formas estão no gabinete ou áquem das cortinãs, por causa da luz da sala ser fraca.

Em qualquer caso, estas formas, em numero de cinco, são antes esboçadas do que fortemente materializadas. Depois succedem-lhe outras, que tem a faixa luminosa na cabeça e uma especie de tira de luz sobre o peito. Quatro são simultaneamente visiveis; nóto que as duas do meu lado se deslocam e parecem desaparecer, mergulhando na obscuridade. Dão os nomes de Effie Deane e de Carrie West; e estão acompanhadas de Lilly Roberts e Angela Marchand. Sinto que os rostos sejam absolutamente instinctos. Por mim, só vejo uma especie de brancura oval no lugar correspondente ao rosto.

Emfim, duas formas, luminosas tambem, sahiram claramente do gabinete; eram visiveis ao mesmo tempo e disseram chamar-se, uma, Margarida Fox, que veio junto de mim, e outra, Lea Fox, que se approximou do assistente que formava o extremo da cadeira, no lado opposto.

Estas aparições entraram em seguida, uma após outra, no gabinete.

Entoam-se diversos cantos durante alguns minutos, quando apparece uma forma, bem materializada, de aspecto feminino.

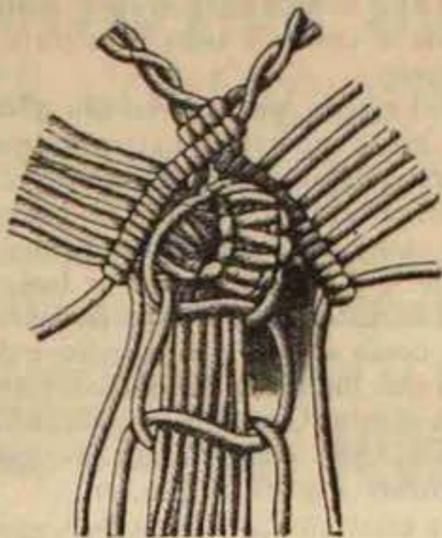
Ao contrario das outras aparições, esta faz o effeito de estar envolvida n'uma roupagem escura. Em volta da cabeça tem um circulo luminoso, e na frente do peito, desce-lhe uma faixa da luz azulada desde cerca do pescoço até á cintura. O vestido parece ter uma cauda mais branca do que a parte restante superior. Esta forma tem uma apparencia bastante cheia. Adianta-se na sala, caminhando até ao centro do circulo e diz em inglez chamar-se Mona, rainha d'Atlantida.

Annuncia que vae tentar exprimir-se em francez, e de facto, depois de ter voltado ao gabinete e sahido depois, pronuncia uma especie de predica, que se não distingue pelo merito, no gosto das praticas protestantes.

Depois de se ter approximado de diversas pessoas, que desejam vê-la de mais perto, reentra no gabinete, tendo estado visivel cerca de dez minutos, pelo menos.

Ainda vemos a aparição de Adgela Marchand sahir do gabinete. A sua voz a denuncia. Pedê para se escrever a sua mãe, a fim de lhe participar que elle pode manifestar-se. Pergunta tambem se todos a poderam vêr bem. Como o anno passado reproduzi a photographia espirita de Angela Marchand, peço-lhe que se aproxime, afim de permittir-me vêr bem o seu rosto. Ella vem junto de mim, mas a luz é

Modas e Confecções



bastante fraca para me permittir vêr outra cousa do que seja um pequeno rosto, sem poder distinguir-lhe as feições. A fórma volta ao gabinete e Betzy pediu para se apagar a luz: ficámos então em completa obscuridade.

Uma especie de mão esbranquiçada, visivel por si mesma, sac do gabinete e avança na sala. Muitas pessoas sentem-se tocadas, umas no joelho, outras na cabeça.

Então no circulo e em differentes logares, ouvem-se successivamente as vozes diversas do Dr. Benton, da menina e de algumas das aparições que se tinham mostrado e que tinham fallado.

Passados alguns minutos a voz de Betzy pede para se accender a luz e annuncia que a sessão está terminada. O medium desperta lentamente, e examinando-se o gabinete, bem como os sellos, encontra se tudo intacto.

Juntamente com outras pessoas assisto ao acto do medium se despir, e verifico que não tem com elle qualquer objecto escondido.

Aqui, ainda, é para sentir que a obscuridade absoluta tenha precedido immediatamente o fim da sessão.

GABRIEL DELANNE.



NAUFRAGIO

POR

Edmundo de Amicis

(Continuação)

A rapariguinha tinha sido levada para Londres o anno anterior por uma tia viuva, que a estimava muito, com consentimento de seus paes, pobres, que a deixaram ir por algum tempo, confiados na promessa de uma herança; mas poucos mezes depois a tia morrera esmagada por um omni-

bus, sem lhe deixar um centesimo; vendo-se obrigada a recorrer ao consul, que lhe tinha arranjado a passagem para a Italia.

— De modo que concluiu a pequena, meu pae e minha mãe esperavam que eu voltasse rica e em vez d'isso volto pobre como vim. Mas hão de estimar-me da mesma maneira. E meus irmãos tambem. Tenho quatro, todos pequenos. Eu sou a mais velha, e sou eu que os visto. Hão de fazer-me muita festa ao ver-me. Hei de entrar em casa em pontinhas de pés... O mar está feio.

— Depois perguntou ao rapaz:

— E tu vaes ficar com teus parentes?

— Sim, se me quizerem, respondeu:

— Não são teus amigos?

— Não sei.

— Eu completo treze annos para o Natal — disse a rapariga.

Depois principiaram a discorrer do mar, da gente que tinham em volta de si. Todo o dia estiveram juntos, trocando de quando em quando algumas palavras.

Os passageiros pensavam ser irmão e irmã. Ella fazia meia, elle meditava.

O mar cada vez engrossava mais.

A' noite, quando se separaram para ir dormir, ella disse a Mario:

— Dorme bem.

— Nenhum dormirá bem; pobres creanças! exclamou o marinheiro italiano, passando de corrida a chamado do capitão.

O rapaz ia para responder á sua amiga.

— Boa noite, — quando um jorro de agua inesperado o investiu com violencia, e atirou com elle de encontro a um banco.

— Ai! meu Deus! que se feriu — gritou a rapariga, lançando-se sobre elle.

Os passageiros que desciam á camarã passavam indifferentes.

A pequena ajoelhou-se ao lado de Mario, que ficára atordoado com a queda, limpou-lhe a testa, que gotejava sangue, e tirando o lenço vermelho que lhe cobria os cabellos, envolveu-o na cabeça de Mario, aconchegando-a ao peito para melhor poder atar as pontas do lenço, caindo-lhe n'essa occasião uma gota de sangue sobre o seu vestido amarello, por cima da cintura.

Mario reanimou-se e poz-se em pé.

— Sentes-te melhor? — perguntou a rapariga.

— Não tenho nada — respondeu elle.

— Dorme bem — disse Julieta.

— Boa noite — respondeu Mario.

E desceram pelas duas escadinhas que conduziam aos seus dormitorios.

O marinheiro não se tinha enganado na predicção.

Ainda não tinham adormecido quando se desencadeou uma tempestade medonha.

Foi como um assalto repentino de vagas furiosas que em poucos momentos despedaçaram um mastro, levaram

comsigo, como se fossem folhas seccas, tres botes que estavam na prôa.

No interior do navio era grande a confusão e o terror; um alarido immenso de gritos, chôros e preces que fazia arripiar os cabellos.

A tempestade foi se tornando cada vez mais tormentosa durante a noite.

Ao despontar da aurora cresceu ainda.

As ondas alterosas, flagellando o vapor obliquamente, rebentavam sobre a coberta, e despedaçavam, lambiam e levavam comsigo tudo quanto encontravam.

(Continúa).

Suspiros d'alma

Ventura suprema

Com meus olhos mirrados e chorosos
Tristes canções dedico á minha amada,
Contando-lhe esta vida desgraçada,
Os meus ais, meus mártirios dolorosos.

Conto-lhe nas canções ais sonoros
Que solta esta minha sorte desolada;
Conto-lhe a minha alma alanceada;
O pranto de meus olhos lacrimosos.

E ao ler attenta essas canções doridas
Vejo-a banhada em lagrimas sentidas!
Vejo-a tão triste, humilde soluçando!

Que suprema ventura, inebriante,
Ver tão triste, bem triste a minha amante
Ler os suspiros que rimei, chorando!

DORME

Dorme em teu virgem leito jubilosa
—O' minha linda Musa inspiradora!
Gosa d'essa visão consoladora!
D'esse aureo sonho bello, côr de rosa!

Solta a dourada trança tao sedosa
A' briza perfumada, encantadora!
E ao rubido fulgôr da linda aurora
Descobre o lácteo corpo delectosa!

Que não te acordem numes divinaes
Com canticos de lyra harmoniosa!
Que não te acordem divas com seus ais!

Ao som da meiga briza perfumosa
E aos gemidos das cômas dos rosas,
Dorme, dorme, risonha e descuidosa!

Porto.

PINTO FERREIRA.

Instituto de Cegos Branco Rodrigues

Foram submettidos á approvação do governo os novos estatutos da Escola Profissional de Cegos de Lisboa que passará a denominar-se: «Instituto de Cegos Branco Rodrigues».

Esta instituição tem por fins:

a) ministrar o ensino intellectual e profissional a creanças cegas do sexo masculino.

b) patrocinar o trabalho dos cegos adultos.

c) Admittem-se como alumnos, cre-

anças cegas indigentes, que tenham á data da admissão 6 a 12 annos de idade, ministrando-se-lhes gratuitamente o ensino e todo o material necessario.

Na secção professional são admittidos como operarios externos, quaesquer cegos aptos sem limite de idade.

Por morte do fundador ou por qualquer impossibilidade que venha a ter de dirigir e administrar o Instituto, todo o material que este possuir, assim como os haveres legados e dotações que lhe forem feitos, passarão para a Santa Casa de Misericordia de Lisboa, que continuará a manter e a administrar a instituição.

Os estatutos da Escola de Cegos do



Porto, fundada tambem por Branco Rodrigues são identicos aos do Instituto de Lisboa.

Os haveres, legados e dotações que teem sido feitos a essa instituição passarão para a Santa Casa de Misericordia do Porto.

O Mensageiro do Mal

Conheces-me? Eu sou o principe de todas as alegrias, o companheiro de todos os prazeres, o mensageiro da morte, o soberano que governa o mundo.

Estou presente em todas as festas e não ha reuniões sem a minha presença.

Eu fabrico os adulterios, faço nascer nos corações os pensamentos criminosos, mancho a pureza dos lares, sou pae dos filhos sem pae, enveneno a raça, trago o aviltamento, a depravação, o suicidio, a loucura e o crime em todas as formas imaginarias.

Eu extermino as familias, persigo os avós em seus netos, faço perder a vergonha, a dignidade, a honra, a educação.

Eu ponho um véu sobre os olhos, sobre a consciencia e faço surgir o crime como vingança, a objecção como passatempo, a immoralidade como diversão e o adulterio como galante conquista.

Tenho ganhado mais victorias que Alexandre; jungido mais povos ao meu carro do que Roma, e devastado mais nações do que Atila.

Obrigo os maridos a rirem-se da in-

fidelidade da esposa alheia, trabalhando assim — imbecis! — para a ruina da propria esposa; por minha causa, moços e velhos se divertem a redigir epigrammas contra a moral e a religião.

Sou eu quem elege deputados, obtendo-lhes votos para fazer leis que augmentem o meu reino que é toda a terra.

Eu aspiro a converter o mundo num immenso hospital, num manicomio, num circo onde estejam encerrados tigres, burros, porcos, falcões e aves de rapina. Quero sangue, desolação, ruina, leviandades, rancôres, guerras, desespero e blasfemia.

Eu nasço em toda a parte, conheço as frias regiões da Siberia e da Lapônia e os ardentes climas do Egypto e da Italia; eu tenho origem no trigo, no arroz, no milho, na cevada, no sumo da uva, na vida, no leite, na agua. A minha patria é toda a terra, os meus escravos todos os homens e o que me envia é o principe do mal.

Eu sei que me conheces; mas não queres nomear-me, porque ainda te resta o pudor dos nomes, quando de todo perdeste o das acções.

Eu sou... O Alcool!!!

CATULE MENDES.

(La femme change sa place)

A' sahida pedi-lhe uma entrevista,
Por cautela... no fim da sua escada;
Respondeu-me que sim: Hora marcada
A' meia noite em ponto. Outra conquista!!

Fato de vêr a Deus todo fadista
A fralda da camisa perfumada...
Lá vou todo liró: «Ella é casada
Já desculpa não tem quando resista.»

Meia noite nos bronzes, bato á porta:
Lá de dentro respondem: «Entra querido
Que de tanto esperar me sinto morta.»

Abro a porta... Horrôr! E' seu marido
Que com trunfo de paus meu jogo corta
Emquanto eu lesto passo. Fui... trahido!

ZÉ PEREIRA.

FRANQUEZA... DE NOIVO

Pois já que assim o quer's, ó minha amada,
Vou pedir-te, amanhã, em casamento,
Porém vou ser leal neste momento,
P'ra te não ver depois desenganada.

Eu tenho três mil reis, só de mesada,
A trabalhar não sou nenhum portento:
Já vez que ha-de ser magro o teu sustento
E que a vida vae ser forte maçada!...

Tu julgas, por acaso, ó minha bella,
Que inda havemos de ter horas serenas;
E que has-de ouvir-me versos á janella,

Nos quaes eu te hei-de comparar ás tôlas?...
Desengana-te já. Dir-te hei apenas:
«— Meu anjo, vae lavar-me estas ceroulas!»

MANOEL CHAGAS.

PHANTASIAS

Amôr eterno...

A' minha bôa irmã P. F. S.

Era bella e seductora. Os seus negros olhos, sempre vivos, onde se adivinhava a agudeza do seu espirito, a sua bocca pequenina e cheia de graça, as suas faces sempre rosadas e d'uma pelle fina e delicada, desperta-

me correspondia fitando-me com os seus negros olhos...

Um dia fui visital-a.

Affazeres da minha vida tinham-me detido de a ir vêr durante perto de 15 dias.

Logo percebi que ella não estava em casa, visto que não me tinha vindo abrir a porta, como costumava fazer...

Seu pobre pae recebeu-me de bra-

çando-me de novo, disse-me entre soluços:

«Adeus, meu caro José. A sua futura noiva outr'óra tão bella e seductora está hoje completamente definhada pelos martyrios que padece continuamente... Ella já nada tem de bello, está desgraçada...

Se quer ser homem digno nunca mais tórne a olhar nem para ella nem para mim, porque ambos nós procedemos mal... e dizendo isto estendeu-

Portugal pittoresco



Montemor-o-Novo--Ponte da Cal

vam em mim um estranho sentimento quando contemplava as suas bellezas. Ella, para mim, éra como uma bôa mãe. Os meus segredos, as minhas desventuras, tudo emfim, que constitue a minha vida, lhe confiava, e ella que perfeitamente conhecia os meus martyrios, as minhas desventuras e os meus sonhos idealistas, animava-me nos periodos de desventura, e mostrava-se satisfeita quando eu lhe dava parte d'um bom acontecimento... Quantas e quantas vezes eu não lhe apertei as suas mãos niveas e pequeninas contra o meu coração para que ella sentisse o seu ardente pulsar!... E quantas vezes ella, entre lagrimas, me contava a desgraça que padezia quando seu pae, um bom e sincero velhote, não tinha traba-

ho... E eu, compartilhando dos seus infortunios, olhava-a serenamente e cobria de beijos, meiguices a que ella

ços abertos, e chorando copiosamente... apertou-me contra si n'um fraternal abraço, e olhando-me como que envergonhado, disse-me baixinho, com medo que alguém o escutasse.

«Minha filha, ou antes a sua outr'óra bella Leonor é uma desgraçada... A fome e a desgraça entrou-nos n'esta casa, há perto de 10 dias... Eu não pôsso mais trabalhar porque estou já velho e, além d'isso, o patrão da fabrica onde eu exercia o meu mister, despediu-me por eu já não o fazer poder... Ella lá foi, hoje como hontem, e talvez como sempre, para a sua faina de alugar o corpo como se fosse simples mercadoria... para assim poder angariar os nossos meios de subsistencia... Custa-me bastante vê-la assim perder-se, mas não encontro outro meio de nos podermos sustentar...» E ao acabar de proferir estas palavras não se pode conter e, abra-

me a mão, como que convidando-me a sair, e dizendo-me ainda no caminho da pórtta: Sim nós procedemos mal... merecemos a vóssa repulção...»

Passáram dois annos. Um dia em que despreocupadamente lia um jornal diario, despertou-me a attenção uma pequena noticia d'uma rapariga que tivéra fallecido no Hospital do Desterro. Li, reli, e pasmei. O nome que a noticia mencionava era o de Leonor... Fiquei como que allucinado, ao vêr a veracidade doqu e suppunha... Seriae flectivamente Leonor a minha ex amada que tivéra fallecido victima d'algumas doenças provocadas pelos seus abusos sexuaes?... E não me enganava.

Effectivamente, depois de me informar, tive a certeza de que ella tivera succumbido no meio de terriveis dores, e as suas ultimas palavras foram

um «eterno adeus» a seu bom pãe e a mim, o seu ex-amante que a tinha desamparado no momento triste da sua vida... E eu lá fui, triste e sereno, vestido de negro, acompanhar á ultima morada o cadaver de Leonor a mulher mais leal e mais sincera que eu conheci...

E ao sentir pela ultima vez os seus labios tocarem nos meus quando lhe dei o derradeiro beijo de despedida, senti em mim o remorso eterno de não ter com ella, em vida, compartilhado dos seus atrozes soffrimentos, acompanhando a nos seus tranzes afflictivos.

Sim, devia te-la seguido nos seus infortunios. Devia tê-la sempre junto de mim para a alegrar nos seus momentos angustiosos, como ella me tinha já feito...

E ao surgirem-me á mente estes pensamentos, sentei-me tristemente sobre uma pedra, e pareceu-me vêr na minha frente Leonor que se me apresentava pura e seductora, como no primeiro dia em que tivéra tido o prazer de lhe dirigir a palavra...

E de mansinho, triste e pensativo, fui-me afastando d'aquelle campo onde acabava de deixar para sempre a minha bôa Leonôr...

Eis a razão porque no dia em que faz annos do fallecimento de Leonor, vós me ides encontrar no cemiterio, juncando de flores a cova onde repousa a mulher que primeiro amei...

Lisbôa, Julho 1908

J. FONTANA DA SILVEIRA.

A mulher

A mulher, esse nucleo de bondade,
Que por vezes no mundo é bem sublime;
Mas que outras leva um anjo até ao crime
Se tambem em seu seio houver maldade;

Que ao perverso, a maior perversidade
Tem uma força ignota que reprime
E poder mysterioso tal que imprime
A um santo requintada crueldade;

E' para mim um ente indefinivel,
Envólto na mais densa treva escura,
Que ora digo amoroso e mui sensivel,

Ora frio qual fria sepultura,
Ora fonte d'amor inexaurivel,
Ora mar caudaloso d'amargura.

LUCIANO D'ARÁUJO.

Semana Alegre

O papá — dizia um pequenito de 10 annos — porque é que nós, no Padre Nosso pedimos o pão de cada dia e não pedimos logo para um mez?

— E' para termos sempre pão mole, pateta!

PELAS ARENAS

CHRONICAS TAURINAS

Manuel Mourisca é um nome que constitue bellas recordações para os antigos amadores da tauromachia, e uma lição para os modernos.

Valente sem temeridade, artista sem enganar, Manoel Mourisca conseguiu aqui ha vinte e tantos annos elevar-se ao mais alto grau a que pode aspirar um cultor da arte de Marialva e Vimioso, sendo sempre mimado pelo publico que n'elle tinha o seu toureiro equestre mais predilecto.

Ha tempo, quando da questão dos cavalleiros com a empreza do Campo Pequeno, Manuel Mourisca voltou ás lides, e, ou pelo afastamento ou falta de faculdades, o caso é que o seu trabalho foi deficiente e elle entendeu por bem retirar-se de vez da tauromachia.

Assim, pois, é que Torres Branco nos preparou uma surpresa ao apresentar-nos no cartaz do seu beneficio o nome do velho mestre, que ia á nosa primeira praça a farpear dois touros, e isso foi o bastante para que quasi obtivesse uma enchente.

O principal elemento da corrida era, pois, a reaparição de Mourisca, o qual sahio ao 4.º touro, não podendo sangral-o, apesar da boa vontade empregada, mas pizando, muitas vezes, terrenos defezozos.

No 8.º que lhe era tambem destinado, o velho artista collocou varios ferros á tira, rematando ao estribo, como mandam todos os tratados, e fechou a lide com um curto, soberbo, em que consentiu o touro a mais não poder.

A ovação recebida foi enorme!

Muitos velhos amadores de touros se enthusiasmaram, a ponto de um d'elles, o respeitavel Santos Franco, um ancião de veneraveis barbas tão brancas como o cabello de Mourisca, e que é considerado como um bello amigo dos toureiros, atirar com o chapéu ao antigo companheiro de Francisco Batalha.

No resto da corrida, a não ser a accentuada mansidão dos touros da sr.ª Condessa da Junqueira, nada ha de notavel.

Manuel Casimiro entendeu se com o primeiro, pondo-lhes varios ferros em sortes rematadas todas á garupa! Morgado de Covas, citando muitas vezes o touro tão de largo que este nem d'elle se apercebia, nada poudo fazer.

Os bandarilheiros foram bravos, todos. Trabalharam muito, mas com aquelle gado foi tempo perdido.

O melhor par da tarde foi sem duvida um de Thadeu, no 3.º touro.

O beneficiado, que não teve uma tarde muito feliz no que diz respeito a trabalho, teve a satisfação de ver a praça quasi cheia e receber bastantes brindes dos seus amigos.

EMECÊ.

Pensamentos

A realza é uma tyrania: o seu governo uma usurpação.

JOÃO BONANÇA.

São de todos, os bens que a natureza creou para todos e sem os quaes ninguem poderia existir: a terra é um bem comum, destinado á sustentação do Homem.

JOÃO BONANÇA

Anarchia na economia, anarchia na politica, eis a definição positiva do liberalismo.

OLIVEIRA MARTINS.

Morre-se por se haver vivido de mais, como se morre por não se haver vivido bastante.

E. RENAN.

Quem quizer ser rico não augmente na riqueza, mas diminua na cobiça; não é pobre o que tem pouco, mas o que deseja muito.

HEITOR PINTO.

A ADULTERA

Ha muito tempo já, um anno e tanto,
Que a adultera e mãe não via a filha. Então:
Estreitáva-a de encontro ao coração,
Por commoção tão jubilosa, em pranto!

Gostas muito de mim? pergunta, emtanto;
Beija a filhinha, a qual, de olhar no chão,
N'um gesto senhoril responde: não.
(A mãe subitamente olha-a com 'spanto.)

Disse-me alguém, mamã! que foste má
Que fizeste uma injuria ao bom papá!
(Ai que momento então ella passou!)

A pobre mãe, n'um grito que aos ceus brada:
Teve horrôr de si mesma e... ajoelhou,
Cahindo aos pés da filha... desmaiada!!

UMA DESGRAÇA!

No pateo do curral, a pobre velha,
Depois de ter levado o alimento,
Que para a pórca serve de sustento,
Fuzera-se a chorar por sobre a celha!

O traje alegre, o lenço em côr vermelha
Por sobre a núca, a balouçar ao vento,
Contrastávam n'aquelle mau momento,
Com seu triste semblante. Uma centêlha

De fogo e dôr lhe incandésce o olhar;
Emtanto pelo pateo o velho passa,
E ao dar com a companheira a soluçar:

Que succedeu? — pergunta-lhe o velhinho,
Volve-lhe ella a chorar: grande desgraça!
— Acaba de morrer um bacorinho! —

Lx.ª—22-VIII-08.

A. DE SANTA RITA.

Cumulos

Da Anatomia: — Saber desmanchar um corpo de bombeiros.

Da Nicromancia: — Lêr a sina numa mão de papel.

Da Curiosidade: — Andar sempre a vêr navios.

Da actividade: — Andar sempre ás aranhas.

VARIÉDADES

Bolos de Recordação. — Batem-se muito bem uma dúzia de ovos e deitam-se numa porção de calda em ponto de fios grossos. Depois de cosidos, deitam-se os fios sobre folhas chatas, collocando-se-lhe em cima um pedaço de cidra ou de qualquer doce crystallizado. Cubra-se por fim tudo com fios d'ovos para ir a fogo brando. Servem-se estes bolos polvilhados de asucar e canella.

FEITICEIRO DAS TREVAS

Consulente: — Albino C. P.

Nasceu de paes humildes, pobres, porem muito honestos. Passou a infancia na ardua labuta do cultivo campestre e, aos nove annos, mandaram-no a uma escola primaria onde o professor, como o Fritz da operêta, ensinava para aprendêr. Foi pois ao seu proprio esforço, á clareza da sua intelligencia e á nunca desmentida força de vontade que o caracteriza, que o Snr. conseguiu fazer um brilhante exame de primeiras letras. Pessoa grada da sua terra soube conhecer a bela semente que germinava dentro de si e facultou-lhe os meios de vir a sêr alguém. Seus paes accitaram e a breve trecho o consulente era o aluno mais distinto dum determinado liceu de provincia. A' medida porem, que o cerebro se lhe enchia de conhecimentos e a intelligencia ia distinguindo novos horisontes, rebentava-lhe n'alma uma nascente d'ambição que se despenhava na sua individualidade, encharcando-o até á medula moral.

E' por isso que, alguns annos mais tarde, o vamos encontrar, bacharel formando, intrigando a lôrto e a direito, empregando todos os meios para chegar á méia, sem querer sabêr se aqueles que foi necessario derrubar, eram amigos, inimigos, parentes, conhecidos ou indiferentes.

Para o consulente a vida foi sempre um mastro ensebado com um presunto no cimó. E' necessario chegar lá a cima, dôa a quem doer, sôfra quem sofrer.

Eil o pois aos vinte e oito annos, numa bela posição social, adulado, tímido, mas profundamente odiado, e o Snr. sabe perfeitamente quo o é.

Bem! Saibamos agora: se o consulente é um espirito forte, um destemido, um egoista, um sceptico, um saloio, um intelligente, qualidades que se acham debruadas dum tecido de malandrice de primeira agua; se é feliz a nada tem a temêr, por que vem consultar sôbre o futuro um pobre bruxo parisiense que só costuma trabalhar para costureiras, meninas histericas, caixeiros de lojas de modas e estudantezinhos do liceu? Porquê? Para quê?

Eu proprio responderei.

E' por tal razão que o consulente; quando alguém lhe sorri, engatilha o revolver, e se alguém lhe dá o doce nome d'amigo, o Albino abre surra-teiramente na algibeira uma navalha de sete pontas e deseseis mólas. O Snr. conhece-os; fez como êles, mentir sempre, intrigou sempre; tem passado a existencia a puntapear toda a gente que lhe fez bem e parece que setem dado bem porque a felicidade abre-lhe os braços de par em par e leva-o ao mais alto ponto da colina das honras, da gloria, da riqueza.

Logo: o caminho que o Snr. seguiu foi o melhôr, os seus processos os mais eficazes, o seu egoismo o melhor bordão. O Snr. Albino é feliz, absoluta e completamente feliz, á parte, como acima disse, a necessidade de recheiar os bolsos de pistólas e navalhas.

Aos quarenta annos, o sr. tem vivido oitenta; a Providencia deu-lhe um excelente e assucarado bôlo e ordenou-lhe que o comesse em uma hora e o consulente ferrou-lhe a dentuça e devorou-o em trinta minutos. Devia estar na força da vida e encontra-se velho, gasto e principalmente... *senil*. Começa a têr medo de tanta infelicidade e a perguntar se no fundo da panella da sua ventura, não encontrará os feijões queimados. Tem medo sem saber de quê! Recorre, pois, sem mesmo saber porquê, ao pobre feiticeiro das trevas, nas predições do qual, já se vê, não acredita, por ser um espirito forte, mas... para vêr onde pode chegar a coincidência.

Pois bem: eu lhe desvendo o futuro em duas palhetadas:

Continuação da situação brilhante em que tem vivido, até completar cincoenta e um annos. Nessa ocasião, doença gravissima com paralisia da metade direita do corpo. Morte aos cincoenta e dois e entrada no mundo dos espiritos sem levar na sua bagagem nenhuma d'aquellas ações que collocam as desincarnadas em bom plano. Reconhecimento tardio da esterilidade do seu procedimento sobre a terra, remorso vivo, pungente e verdadeiro. Anceio de reformar a sua vida moral pela pratica do bem e por fim volta á vida terrestre na posição humilde em que nascera na existência anterior. D'ahi por diante é consigo.

G. C.

Secção recreativa

Adivinhar o numero que qualquer pessoa tem no pensamento

Diz-se a qualquer pessoa que pense em um numero; depois diz-se-lhe que o multiplique por tres.

Feito isto, diz-se-lhe, que tome metade se o numero é par, ou a parte maior das duas se tôr impar.

Manda-se multiplicar outra vez por tres e dividir o resultado por 9. O dobro do quociente, ou mais um, se o

numero escolhido é impar, será aquelle que a pessoa tem no sentido.

Exemplificando:

32 é o numero escolhido.

$32 \times 3 = 96$; $96 : 2 = 48$; $48 \times 3 =$

144 ; $144 : 9 = 16$; $16 \times 2 = 32$.

Fado

*Porque andas tu mal commigo,
O' minha doce trigueira?
Quem me dêra ser o trigo
Que, andando, pisas na eira.*

GOMES LEAL.

GLOSAS

Dize-me: que mal te fiz,
O' minha amada tão qu'rida?
O' vida da minha vida,
Por quem vivia feliz.
Que maldade é essa, diz?
O teu rosto, outróra amigo,
Mostra-se assim inimigo;
Mas porquê, qual a razão?
Abre me o teu coração,
Porque andas tu mal commigo?

No mundo, triste e sósinho,
Andando aos baldões da sorte,
O teu amor grande e forte,
Com maciezas de arminho,
Foi o primeiro carinho
Que tive na vida inteira;
É ter-te por companheira
Era o meu sonho mais santo!
Que mal te fiz, terno encanto,
O' minha doce trigueira?...

Fico ás vezes a pensar
N'aquella manhã saudosa
Em que te vi, radiosa,
Ceifando, sempre a cantar;
Seduzia-me esse olhar
Brilhando em teu rosto amigo;
Teus pésinhos, que bemdigo,
Pisavam tão de mansinho,
Que eu disse muito baixinho:
* Quem me dêra ser o trigo*.

Depois teu amôr me deste
E eu dei-te o meu grande amôr;
Nem calculas, Leonôr,
Quanto bem tu me fizeste!...
É agora tudo esqueceste:
A nossa paixão primeira,
E aquella vida fagueira
Que idealisava commigo...
Chego a invejar o trigo
Que, andando, pisas na eira.

MANOEL CHAGAS.

Guitarra de Romanol

69

Chorando se entra na vida;
Vida em fóra, que de prantos!
Lagrimas ha na partida...
Onde da vida os encantos?!

70

Teus negros olhos a palma
Levam aos demais, morena,
Pois não espelham tu'alma
Mais branca do que a acuçena.

71

Puz-me a olhar em noite linda
O mar immenso, profundo,
E vi ser maior ainda
Todo o meu desdem p'lo mundo.

QUAL É A COISA,
QUAL É ELLA?

O GRANDE CONCURSO
DA 4.ª SERIE

Cinco premios

- 1.º — Um serviço de jantar, em porcellana;
- 2.º — Um estojo com escovas em prata;
- 3.º — Uma doceira;
- 4.º — As quatro series do AZULEJOS encadernadas em percalina;
- 5.º — Uma assignatura para a 5.ª serie.

Condições do Concurso

- 1.ª — Decifrar, durante os 15 numeros da 4.ª Serie, maior numero d'artigos, alem de 150.
- 2.ª Para que os nossos leitores possam concorrer em grande maioria resolvemos modificar a 2.ª condição do concurso, augmentando-lhe o praso, assim:
Poderão enviar-nos as decifrações durante um intervalo de 15 dias, a contar da data da sua publicação.
- A lista dos decifradores e as soluções dos artigos publicados são dadas de 4 em 4 numeros.
- As decifrações devem ser enviadas pelo correio cintando a pagina do semanario e pondo-lhe uma estampilha de 5 reis.

No proximo numero daremos o apuramento dos charadistas.

Decifrações

Do numero 43

Metaphysica — Abudia — Abrachio — Abila — Ambom — Seres — Gazze, gaze — Sorte, norte — Castigo de dura, uma no cravo outra na ferradura — Pae velho e manga rôta não é deshonra — Mão é ter moço, mas peor é ter amo — Lá vão os pés, onde quer o coração — Hocco — Abitilio.

Do numero 44

Alviella — Bionde — Adacara — Palermo, palerma — Socorram, Marrocos — Saraiva — Trabalho, tralho — Agora, A gora — Humor — Quem com farellos se mistura porcos o comem — Nem sempre dança quem paga a musica — Todo o passarinho gosta do seu ninho — A cans honradas não ha portas fechadas — Loio — Chica.

Do numero 45

Anacado — Gingeira — Agostadouro — Jovença — Pirtigo, pirtiga — Sadroc, cordas — Saka, Akas — Siberia, Iberia — Solteiro pavão, desposado leão, casado asno — Com trabalho e perseverança tudo se alcança — A infancia e o periodo mais feliz da vida — Tudo querer é o melhor modo de nada ter — Primeiro levantado, primeiro calçado — Cera.

Decifradores

DOS N.ºs 43, 44 e 45

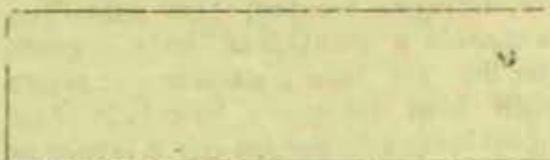
- Sombrio-N.º 43-II — Cabeça d'Agua-N.º 43, 14, N.º 44 15, N.º 45, 14-(43) — Jó Fera-N.º 43, 9, N.º 44, 13-(22) — Litras-N.º 43, 10, N.º 44, 12-(22) — Ziram-N.º 43, 12, N.º 44, 15, N.º 45, 12-(39) — Celeste-N.º 43, 12, N.º 44, 14, N.º 45, 9-(35) — Nathalia-N.º 43, 3, N.º 44, 6-(9) — Boavida-N.º 43, 10, n.º 44, 12-(22) — Ze João-N.º 43, 13, N.º 44, 12, N.º 45, 14-(39) — Açnarepse-N.º 43-7.

Charadas

Novissima

Deus, ave e embarcação-1-2.

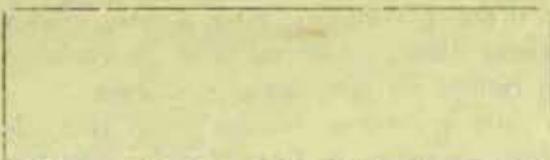
THE CHILD



Biforme

A moeda é da moeda-3.

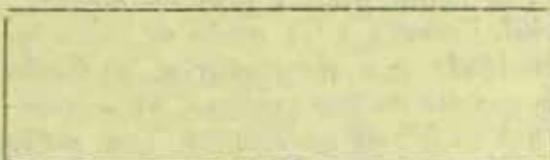
PANASCAS



Paronyma

Diverte-te com a planta-2.

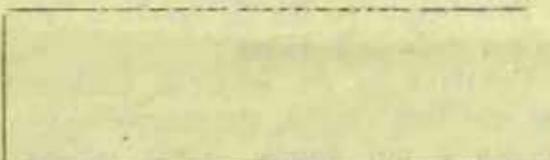
EL-FULO



Electrica

Insecto-4.

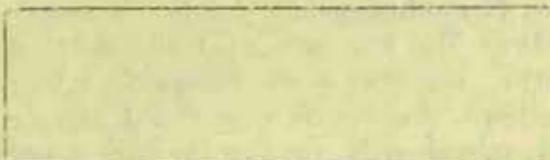
AQUIQUI



Syncopada

3-O habitante da India habita agora no planalto africano-2.

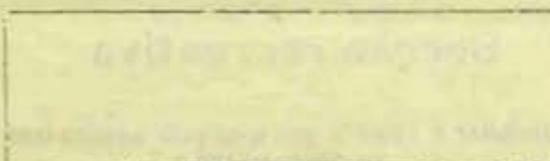
LITRAS



Addicionada

Vencer 2
—tu—
Proseguir-3

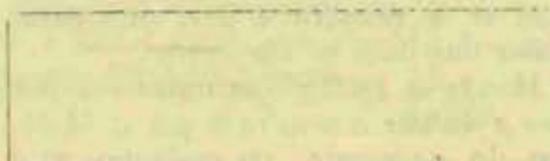
TIRA MITRAS & C.º



Truncada

E' pincel e fraga-2.

OJUARA



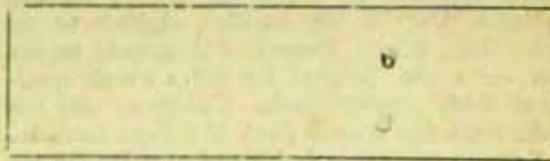
Enygmas

Typographico

Nós

Vós

MULEY HAFID

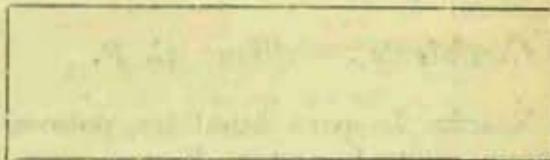


Por iniciaes

L C B E M C B

2 1 2 1 3 1 2

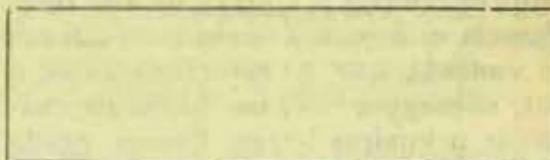
PUMPUM



A Q S P E V N D O B C

3 1 2 3 1 2 1 3 1 1 3

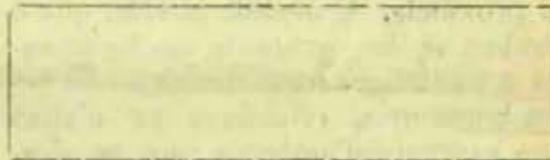
JÓ FÉRA



A F M S S A F D C

1 3 2 3 1 1 3 1 3

AÇNAREPSE



S T A F E E À B

2 2 1 3 3 1 1 2

J. P.



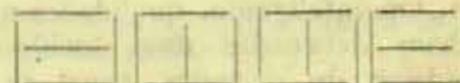
M É R D Q A

2 1 2 1 1 2

J. P.

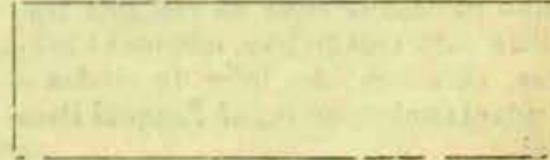


De palitos



Tirando 10 palitos tereis empenho.

SILVIO



Artigos a decifrar 14.

R. Xavier da Silva
Doenças da garganta, nariz e ouvidos
CLINICA GERAL
Das 3 ás 6—Rua da Palma, 133, 1.º

A. P. FERRAZ
Chapeus para senhora e creanças
RUA DO OURO, 231
(Primeiro quarteirão vindo do Rocio)

Grande Deposito

— DE —

MOVEIS DE FERRO

— E —

Golchoaria

— DE —

JOSÉ A. DE C. GODINHO

54, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 56-Lisboa

AOS NOSSOS ASSIGNANTES E LEITORES

Esta redacção encarrega-se de mandar encadernar a 1.^a, 2.^a e 3.^a Serie do AZULEJOS, em panno chagrin, cabeçalho e lettras douradas, ou qualquer côr á escolha do interessado, pela modica quantia de

600 RÉIS

A mesma encadernação em percalina

750 Réis

Os pedidos devem ser feitos a esta redacção, acompanhados da respectiva importancia.

Para as provincias augmenta o porte do correio.

DESILLUSÃO

VALSA

João P. Mineiro

Mouvement de Valse

PIANO

Qu.

*
pp poco lento

ff

Qu.

f grandioso

Coda
vivo

ff

pp

ff

DCal'S

RM,ST

O CONCURSO ARTISTICO DO "AZULEJOS"

BASTA COLLECCIONAR
20 MASCARAS ILLUSTRES

das publicadas nas tres series do nosso semanario, podendo até serem eguaes, enviando-as até ao dia 20 d'agosto.

Premio para o maior numero de collecções

UM COUPON DE 100\$000

Offerecido pela Administração do AZULEJOS

O valioso premio da collecção mais artistica Offerecido pela redacção

Um espelho de crystal *bisauté* montado em faiança allemã, com relógio e guarda-joias, sustentado por duas figuras de mulher que n'elle se miram. Estylo arte-nova

Valor real 35\$000 réis

Este precioso brinde encontra-se desde já exposto no Gato Preto, R. de S. Nicolau, esquina da R. do Crucifixo.

LISTA DOS PREMIOS

1.º—Um par de estatuetas terre cuite com pintura, imitação de marfim, offerta do Ex.^{mo} Sr. Eugenio Costa, proprietario do Gato preto, R. de S. Nicolau, esquina da R. do Crucifixo.

2.º—Um almofadão desenhado á penna, offerta e trabalho da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria do Céu Beça, nossa illustre collaboradora.

3.º—Uma pintura a oleo, pelo Ex.^{mo} Sr. João Bastos, um dos nossos directores artisticos.

4.º—Uma almofada bordada a seda, offerecida e bordada pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Leonia Paz Lopes.

5.º—Um quadro grande com a photographia do Rei D. Manuel II, trabalho e offerta do Ex.^{mo} Sr. João Maria Lopes, nosso illustre collaborador.

6.º—Um tinteiro feito em sola, pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria d'Oliveira.

7.º—Um estojo com uma escova em prata, offerta do Ex.^{mo} Sr. Julio de Mattos.

8.º—Uma machina d'escrever.

9.º—Um porta jornaes bordado — pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Adelina Lapa Rodrigues Garrana.

10.º—Uma faca para cortar papel, com lamina de marfim e cabo em prata dourada, estylo arte nova, offertado pela ourivesaria Januario & Mourão, 86 a 88, R. da Palma, 92 a 92 A.

11.º—Um colchão d'arame, montado em pitch-pine á medida da cama que o premiado desejar e perfeitamente igual aos que estão á venda em casa do offertante, Ex.^{mo} Sr. José Godinho, 54, P. dos Restauradores, 56.

12.º—Um almofadão desenhado a pyrogravura, offerta e trabalho do Ex.^{mo} Sr. Luiz d'Oliveira.

13.º—Um quadro a aguarela, trabalho e offerta do Ex.^{mo} Sr. Jayme Arthur Marques.

14.º—Bandeja em majolica com aros de metal branco, (diametro de 30 centimetros), offerta da Casa das Louças, 33, Rua da Palma, 35, propriedade do E.^{mo} Sr. Pedro Carlos Dias de Sousa.

15.º—Um porta jornaes bordado, Offerta e dadiva da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Augusta Perestrello da França.

16.º—Um tinteiro arte-nova.

17.º—A obra completa de Gonçalves Crespo, encadernada em percallina.

(Continúa)